PENSANDO UM NOVO RITUAL DE EXÉQUIAS PARA O BRASIL

Pe. Gregório Lutz, cssp

O ritual e os rituais existentes

O ritual de exéquias, elaborado por ordem do Concílio Vaticano II, foi publicado em Roma no ano de 1969. No Brasil, ele foi traduzido sem adaptação alguma e editado em 1971. Este ritual contém uma vigília pelo morto, três tipos de exéquias (primeiro, na casa do morto, na igreja e no cemitério; segundo, na capela do cemitério e junto à sepultura; terceiro, só na casa do morto), exéquias de crianças e textos diversos para as exéquias, assim como a liturgia da missa exequial e missas pelos mortos.

Em 1978, a CNBB publicou separadamente duas partes do ritual de exéquias, intitulados "Ritos de exéquias" e "Celebração exequial após o velório". O primeiro contém a liturgia da missa exequial, o segundo, a última encomendação e despedida. Na apresentação destes dois rituais separados, estas edições justificam-se pelas críticas de muitos sacerdotes que achavam complicado o manuseio do ritual de exéquias de 1971.

Mas também estes dois rituais parciais não satisfizeram os agentes de pastoral e os fiéis que queriam celebrar a morte de um membro da comunidade ou da própria família. Pois, além de o ritual completo ser complicado e os parciais serem incompletos, todos eles eram meras traduções do ritual elaborado em Roma para a Igreja inteira, sem nenhuma adaptação ou inculturação. Sem dúvida, eles expressam a fé cristã na passagem pela morte para a nova vida na casa do Pai, mas numa linguagem e em ritos, gestos e símbolos que, em grande parte, não condizem bem com a maneira de ser e de celebrar das comunidades católicas do Brasil.

Por isso, é compreensivo que tenham sido elaborados vários outros subsídios, sobretudo para o velório e o enterro, que, em parte, contêm elementos válidos e bons, mas, em parte, não deixam transparecer a riqueza e profundidade da fé cristã com respeito à morte e à vida além da morte. Além disso, todos eles são, em geral, pobres em sua ritualidade. Por isso, também estes subsídios não satisfazem nem aos fiéis em geral, nem ao clero, nem a outros agentes.

A Linha 4 da CNBB (Liturgia) procura, há muitos anos, elaborar um novo ritual de exéquias, adaptado e inculturado. Pediu repetidas vezes sugestões às dioceses, ao clero e a todos os católicos do Brasil. Como as sugestões recebidas eram insignificantes, pediu a peritos que elaborassem um esboço de um novo ritual de exéquias. O resultado de todos estes esforços é, até hoje, desanimador.

Por outro lado, devemos lembrar a grande importância que o povo brasileiro dá à celebração da morte, embora não seja aqui o lugar de evocar todos os elementos da fé do povo a respeito da morte, assim como da comunhão nossa com os falecidos. Certamente nem tudo isso é fé cristã autêntica ou expressão da fé em formas aceitáveis. Mas não deveríamos valorizar aquilo que é bom e purificar aquilo que contém uma "semente do Verbo", em lugar de apagar a mecha da fé na ressurreição e na vida além da morte que ainda fumega em muitas expressões da piedade e religiosidade popular? Sem dúvida, será possível expressar a fé autêntica na morte em palavras, gestos e ritos que ajudariam as pessoas que, no momento do luto, por causa da morte de um parente ou amigo, estão mais do que nunca de ouvidos e de coração abertos para uma mensagem de consolo e esperança.

Em todo caso, um ritual de exéquias poderia ajudar as comunidades e seus agentes a celebrar melhor a morte de um irmão ou de uma irmã, dando sugestões para as diversas celebrações, pois nenhuma comunidade e nenhuma gente têm a capacidade de preparar e realizar sempre celebrações sem cair numa rotina que

pode levar a uma pobreza e mediocridade nas expressões da fé, até a um ritualismo vazio. É importante incentivar a criatividade, levando em consideração tanto a fé e a liturgia da Igreja universal, quanto a piedade e as expressões próprias do povo que celebra.

Ninguém vai esperar nestas páginas um novo ritual de exéquias. Mas penso que a apresentação das preocupações teológicas e pastorais relevantes para um novo ritual de exéquias possam ser interessantes e úteis.

A lição da história

Como em tantos outros campos, podemos também na busca de caminhos para um ritual de exéquias inculturado aprender da história.

Na antigüidade, os cristãos seguiam nos funerais em geral os costumes da sociedade da época, enquanto estes não contradiziam a fé cristã. Assim, os cristãos também celebravam a refeição fúnebre sobre ou perto do túmulo do defunto. Mais tarde esta refeição foi substituída pela celebração da eucaristia. À cremação dos cadáveres preferiam a sepultura na terra, para assim seguir o exemplo de Jesus e para expressar melhor sua fé na ressurreição dos corpos.

Nos primeiros rituais de exéquias, a fé no mistério pascal da passagem de Cristo e dos cristãos pela morte para a ressurreição domina todas as celebrações. Um ritual de Roma do século 7 "possui evidente caráter pascal. Os salmos 113 e 117, cantados no começo e no fim da liturgia, são os mesmos salmos cantados no começo e no fim da refeição pascal hebraica. A celebração das exéquias é a celebração de êxodo pascal: o defunto experimenta a sua saída do Egito e o seu ingresso na terra prometida, onde é acolhido pelos anjos e pelos santos. O cortejo fúnebre é procissão que canta enquanto conduz o defunto da sua morada terrena para a Jerusalém celeste, fazendo etapa na Igreja, no meio da estrada, isto é, entre a terra e o céu. Durante essa viagem, o cristão não está só: na partida, a comunidade da terra o acompanha o mais longe possível e, na chegada, ele é acolhido pelos habitantes do céu, ou seja, por aqueles que já fizeram tal trajeto antes dele (os santos e os mártires invocados nas antífonas), pelos enviados do dono da casa (os anjos) e, no fim, pelo dono da casa em pessoa. A comunidade pede a misericórdia e a proteção de Deus para a criatura frágil e pecadora, mas não se acha atormentada por qualquer preocupação ou angústia sobre a sua eterna salvação: sabe que o defunto entrará com certeza na casa do Senhor". (Anamnesis 6, 239)

Nos rituais da Idade Média é diferente: as orações insistem continuamente na misericórdia e no perdão de Deus, que é o autor da vida e, por isso, não pode abandonar as suas criaturas. A comunidade cristã não se sente mais segura a respeito da sorte eterna daqueles que faleceram; está preocupada com os seus pecados, pensa no risco de cair no inferno. As missas dos defuntos passam a ser celebradas exclusivamente para pedir o perdão dos pecados. Também a encomendação recebe o mesmo conteúdo de súplica. A passagem desta vida para a vida eterna é vista, sobretudo, como uma viagem perigosíssima, porque deve-se escapar das ciladas do diabo no trajeto e corre-se o risco de ser condenado para a morte eterna ao encontrar-se com Jesus, que é visto como juiz temível.

Essas teologias ou espiritualidades diferentes continuam presentes no ritual romano que foi publicado depois do Concílio de Trento, em 1614, e que ficou em uso até o Concílio Vaticano II. Este exigiu que "o rito das exéquias deve exprimir mais claramente a índole pascal da morte cristã" e que o rito "corresponda ainda melhor às condições e tradições das diversas regiões, também com relação à cor litúrgica". (SC 81)

O ritual de exéquias de 1969

Ainda durante o Concílio Vaticano II, um grupo de trabalho começou a preparar um novo ritual de exéquias. Expressar melhor o caráter pascal da morte cristã era relativamente fácil. Mais difícil mostrou-se a tarefa de elaborar um ritual que levasse em conta a diversidade dos ambientes e das situações em que se celebra a morte. Através de uma pesquisa sobre a prática dos funerais no mundo, constatou-se a existência de três tipos principais de celebrações, realizadas, respectivamente, na casa do defunto, na igreja e no cemitério. Querendo respeitar as tradições existentes, o grupo de trabalho decidiu preparar três tipos de liturgia exequial, que, de fato, existem no novo ritual, finalmente publicado em 1969.

Mas era previsto que esse ritual, publicado em latim, fosse depois traduzido e adaptado a critério de cada conferência episcopal. Para levar a bom termo este processo de adaptação, o ritual mesmo recomendou às conferências episcopais:

- examinar quais os elementos tradicionais locais que poderiam ser introduzidos no ritual;
- conservar alguns elementos dos rituais anteriores;
- adotar ou não os três tipos das exéquias propostas;
- traduzir os textos adaptando-os à índole própria das línguas e culturas, e propor os cantos;

- eventualmente acrescentar textos e rubricas novos;
- julgar da conveniência em autorizar leigos para presidir as exéquias;
- decidir sobre a cor litúrgica nas exéquias (cf. obs. preliminares, 22).

Como já foi mencionado, no Brasil este ritual foi simplesmente traduzido e no ano de 1971 publicado. É verdade que ele exprime a fé autêntica cristã com respeito à morte, mas esta fé é expressa numa linguagem que, aqui, dificilmente se entende. É por isso que este novo ritual não foi tão bem aceito como o teria sido um ritual adaptado, eventualmente com sugestões diferentes para as regiões com tradições próprias e para ambientes diversificados.

Fica, portanto, a tarefa de criar um ritual de exéquias que exprima o caráter pascal da morte cristã numa linguagem, em gestos e símbolos que brotem do ser e sentir, do pensar e crer do povo cristão do Brasil.

A fé que celebramos nas exéquias

Encontramos essa fé fundamentalmente na Sagrada Escritura, sobretudo no Novo Testamento. Ela é proclamada nas leituras bíblicas das diversas celebrações. Ela é expressa igualmente na resposta daqueles que celebram a morte, em suas orações e cânticos, em seus gestos e ações, em uma palavra, numa linguagem verbal e simbólica brasileira, eventualmente com nuanças, conforme a diversidade das regiões do Brasil. No entanto, sempre será a fé pascal, a fé na páscoa do Senhor, que passou como primeiro de muitos irmãos e irmãs desta vida pela morte à nova vida. Assim como Jesus, pela sua morte, venceu o pecado e a morte, nós também viveremos, ainda que morramos, se nele crermos, já que desde o nosso batismo somos agraciados com essa vida nova imortal no Espírito que nos foi dado. Esse mesmo Espírito que ressuscitou Jesus, dará vida nova também aos nossos corpos mortais. O nosso eu não será extinto pela morte, mas continuará existindo para sempre. E não apenas a nossa alma terá futuro, mas nós também, como seres de corpo e alma, embora numa existência nova, espiritual, plenamente libertada e animada pelo Espírito, com o Senhor ressuscitado.

A morte não deixa de ser terrível, porque significa separação daqueles e daquilo que conhecemos e amamos; e ela é uma passagem para um mundo desconhecido ou mal conhecido. Mas temos a palavra e o exemplo de Jesus que nos anunciou a nova vida e se mostrou vivo depois da sua morte. Podemos realmente crer na sua promessa, ele que foi para junto do Pai para preparar uma morada para nós.

É essa passagem para a terra prometida que celebramos nas exéquias, a páscoa que os falecidos já completaram e que nós, os vivos, temos ainda na nossa frente. Mas já nos alegramos nessa fé que nos mostra a meta da nossa vida de sofrimento e de lutas contra o mal e o pecado, a meta da nossa passagem pela porta da morte, que leva à vida verdadeira. Assim, a vida presente já se transforma na luz da alvorada do dia da eternidade, que não conhecerá mais noite.

A mesma esperança alegre que pervade o nosso coração quando pensamos na páscoa que se realizará para cada um de nós na morte, pode e deve nos animar em vista da páscoa do nosso mundo inteiro, no fim dos tempos, na vinda gloriosa do Senhor, quando ele virá para transformar este mundo em nova terra e novos céus.

A fé pascal que recuperamos na celebração da morte dos cristãos, será ainda mais plena se ela for completada pela fé na comunhão dos santos. Como acompanhamos nossos irmãos e irmãs no último trecho de sua caminhada terrestre, assistindo os doentes e moribundos até às portas da morte, assim eles são acolhidos pelos que os precederam na casa do Pai. Mas também nós ficamos em comunhão com eles e podemos interceder por eles para que encontrem um juiz compassivo, para que Deus os acolha como Pai misericordioso e com um coração de mãe e lhes perdoe suas fraquezas e os pecados que cometeram sem ter rejeitado a Deus como Pai e Cristo como irmão. Por outro lado, também os falecidos intercedem por nós, para que possamos chegar aonde eles nos precederam, até que um dia nos encontremos de novo com eles na casa do Pai.

Um ritual futuro inculturado

O ritual de exéquias de 1969 cumpriu a primeira tarefa que o Concílio Vaticano II tinha dado, a saber, expressar mais claramente a índole pascal da morte cristã, sem, no entanto, eliminar a dimensão de intercessão. A segunda tarefa, a de criar rituais que correspondessem melhor às condições e tradições das diversas regiões do mundo, evidentemente não podia ser cumprida por um único ritual para o mundo inteiro. Em sua estrutura e conteúdos básicos ele já levou em consideração a diversidade das tradições principais nas celebrações da morte, mas deixou a parte principal às conferências episcopais. Ele até deu indicações com respeito ao trabalho a ser feito no processo de elaboração destes rituais regionais. O que se deveria, portanto, levar em conta para

um ritual de exéquias inculturado no nosso país?

Celebrações para que ocasiões e para que assembléias?

Num ritual de exéquias não se considera a celebração da própria morte. Orientações e sugestões, sobretudo orações adequadas para esta hora, encontram-se normalmente nos rituais e subsídios que se oferecem para os doentes e os moribundos, como o "Rito da unção dos enfermos e sua assistência pastoral". O ritual de exéquias é um livro litúrgico para as celebrações depois da morte ocorrida: para o velório, uma eventual missa de corpo presente, o enterro (também a cremação), a missa ou a celebração da Palavra no 7º e 30º dia e no aniversário da morte. Evidentemente, tais celebrações são diferentes no caso de morte de adultos ou crianças, para membros ativos e engajados na vida eclesial e pública e outros que participaram menos da vida e das atividades da Igreja e da sociedade. Deve-se levar em consideração também a composição da assembléia celebrante, para que as pessoas presentes possam realmente expressar sua tristeza e sua esperança, sua fé rudimentar ou eclesial bem formada, do jeito que lhes é próprio. O ritual não pode propor ritos e textos para cada tipo de celebração e assembléia, mas sim para os mais importantes, e orientar a criatividade na preparação e na realização das celebrações.

É claro que não deverá faltar um lecionário rico que ofereça leituras adequadas para cada tipo de celebração e assembléia. Seria bom não apenas indicar estas leituras, mas imprimi-las como nos outros lecionários, para assim facilitar a proclamação da Palavra de Deus. Também as orações propostas no ritual devem ser impressas em linhas de sentido e com parágrafos, para que a palavra dirigida a Deus, assim como aquela proclamada para a assembléia, possam ser facilmente proferidas também por leitores e outros ministros menos bem preparados, para que toda a riqueza da Palavra possa ser comunicada.

Tal ritual deveria igualmente considerar a piedade e religiosidade popular. Sem poder assumir e integrar todos os elementos válidos, ele poderia mencionar algumas expressões populares significativas e convidar a inserir nas celebrações estes ou outros equivalentes, oferecendo também critérios para sua escolha e realização.

Os destinatários

Na maioria das vezes, tanto nas cidades como nos interiores, não são os padres, nem diáconos permanentes que presidem as celebrações por ocasião da morte de um cristão católico. O número de ministros ordenados é simplesmente pequeno demais. No entanto, embora seja legítimo o desejo dos fiéis de que o vigário ou outro ministro ordenado possa presidir as celebrações das exéquias, não devemos esquecer que também numa celebração presidida por um leigo ou uma leiga podemos rezar pelos defuntos e avivar a nossa fé na vida além da morte. Por isso, um ritual de exéquias deve prever a presidência e outros ministérios leigos e que, em lugar da missa de corpo presente, do 7º e 30º dia e no aniversário de morte, possa haver uma celebração da Palavra de Deus.

Mesmo não querendo apresentar todos os ritos da celebração da morte, com todas as modalidades e opções possíveis, mas somente com modelos básicos dos diversos ritos com sugestões e incentivos para adaptações e criatividade, um tal ritual ficaria volumoso e poderia parecer complicado. E ainda, certas celebrações só seriam realizadas, por exemplo, quando um sacerdote ordenado estivesse presente. Os ritos que só ele pode presidir poderiam ser publicados num volume próprio e não precisariam constar no ritual que normalmente é usado por leigos, embora, às vezes, também agentes ordenados fazem uso.

Caminhando se faz caminho

Um ritual adaptado no sentido em que acaba de ser explicitado não merece, a rigor, a qualificação de inculturado. Mas ele teria dado alguns passos em direção a isso. Uma verdadeira inculturação profunda não pode ser elaborada, menos ainda decretada. Ela se deve dar na medida em que a fé que ilumina e transforma a morte dos cristãos se exprime sempre mais na cultura do povo que celebra essa fé. Se tivermos dado alguns passos nesse caminho, estamos ainda longe da meta a que ele nos deve levar. As contribuições das bases, às quais aludi inicialmente, deveriam ser bem maiores e significativas. Elementos-chaves da cultura ou das culturas deverão ser analisados e estudados. Também a fé que é preciso expressar deve estar presente. Tudo isso requer estudos e, para se chegar a resultados válidos, deve ser experimentado. No entanto, mesmo que não possamos chegar logo a um novo ritual e a uma liturgia de exéquias plenamente inculturados, podemos e devemos, em lugar de deixar a situação simplesmente como está, fazer o que é possível, quanto antes, pois assim podemos dar uma contribuição importante para uma celebração mais pascal e mais nossa da morte de nossos irmãos e irmãs. ■